

28-07-2021

Não me siga! Não sei para onde estou indo

Erick Zickwolff

[Mestre em Turismo pela UFF. Docente da Faetec-RJ.
Turismólogo da Prefeitura de Macaé/RJ]

Verdade e liberdade. Palavras que rimam. Se isto fosse uma poesia, poderia me valer de ambas para compor versos, seriam pontos de partida, ou de chegada. Todavia, fato é que não procuro, agora, compor um poema. Me parece, antes, que encaro um problema. Ouço tanto falar nessas duas, de como são importantes e relevantes para a vida de cada um de nós, de como desatariam os nós da ignorância e da privação, mas - e aí reside a questão - a verdade de quem, a liberdade de que? Então, também a ti disseram que és livre? E supões que te falaram a verdade? Quem foi que te contou? Aonde eu quero chegar com tudo isso?

Ora, não sei se quero chegar a lugar algum. Nem sequer consigo saber se há para onde ir. E é tão difícil tentar simplesmente ser, já que não se pode saber o que é, realmente, ser o que dizem que somos, uma vez que nem ao menos sabemos quem são aqueles que nos falam isso. Universalismo ou relativismo? Somos todos “um” ou nenhum de nós é igual? Minha liberdade termina onde começa a sua ou somos ambos livres para vivermos plenamente nossas vidas, da maneira que desejarmos?

A verdade restringe a liberdade? A liberdade esconde a verdade? Veja, é tão mais fácil viver sem pensar em nada disso. Mas, será que o mais fácil é sempre o melhor?

E nesse caso, o melhor para quem?

Assim como, após muito meditar, Sidarta Gautama alcançou a compreensão plena e se tornou Buda, e Francisco de Assis atentou para o que, de fato, o Messias pregava, ou como Marx e Engels descortinaram as engrenagens da ideologia, eu também supus vivenciar um momento sublime de epifania. E descobri que não se consegue descobrir nada de maneira absoluta. E foi uma luta, tanto saber, quanto aceitar tal fato. Tudo começou quando a minha família me falou da minha cultura, me mostrou a bandeira do meu país, me ensinou a rezar as orações do meu deus - que tinha a mesma cor de pele que a minha - me apresentou à minha vizinhança, me matriculou na minha escola e me deu de presente, dessa maneira, a minha vida. Tudo na minha vida ia perfeitamente bem, até o momento em que soube que havia outras famílias.

Outras culturas. Outras bandeiras de outros países.

Outras orações a outros deuses. Outras cores de pele.

Outras vizinhanças. Outras escolas. Outras vidas.

E eu lembro que, naquele exato momento, eu pensei “como é que é?”. E a verdade deixou de ser minha, como ousei supor que para sempre seria. Aliás, ela não era nem minha, nem da minha família, nem da minha cultura, nem do meu país, nem do meu deus, nem daqueles com a mesma cor de pele que a minha, nem da minha vizinhança nem dos meus colegas de escola. Porque ela não era uma, não era única, não era uma. Ela eram muitas, eram tantas, eram múltiplas, eram mais. Depois do susto inicial, a revelação de que um horizonte muito mais rico se descortinava para mim.

Eu poderia escolher a minha verdade, dentre tantas e tantas, usando para isso a minha liberdade.

Mas, como indagaria o poeta “o que é que eu vou fazer com essa tal liberdade?”. A primeira coisa que me veio à cabeça foi assegurar os recursos financeiros necessários para realizar uma longa viagem pelo mundo, conhecendo estas tantas famílias, culturas, países, deuses, cores de pele, vizinhanças e escolas. Afinal, eu me sentia livre para isso. Adentrei uma agência bancária, na Avenida Rio Branco, e solicitei que a soma de 100 milhões de dólares fosse transferida imediatamente para a minha conta corrente do Banco do Brasil. Após cinco minutos de gargalhadas ininterruptas, fui conduzido ao exterior da mesma por uma dupla de agentes de segurança pouco simpáticos.

Bom, isso não abalou minha confiança, afinal, como um ser humano livre, poderia adotar outros expedientes.

O primeiro foi deixar de pagar o imposto de renda, para economizar para a viagem. Cai na malha fina.

Paguei o dobro. Resolvi então ir de carona. Fui.

Mas depois de um tempo a coisa parou de funcionar.

Me pediram o passaporte. Eu não tinha, nunca tive.

Começaram a falar línguas que eu não compreendia. Começaram a se irritar comigo. Fui deportado.

Acho que a minha liberdade não é tão boa quanto outras que vejo por aí, andando de carro importado, jantando na Viera Souto, morando no Alto Leblon. A verdade, ao que parece, nos mente. E minha liberdade, coitada, teve suas asas cortadas. Me disseram que a culpa é do sistema.

Aí minha cuca fundiu. Que sistema é esse? Quem é que o controla? Quem dita suas regras? Me ofereceram caminhos alternativos: teorias críticas e teorias cínicas.

Lancei mão das teorias cretinas, e escolhi ser um sujeito ciente das grades que me cercam, maldizendo-as e denunciando-as, a ser um alienado que supõe o oceano dentro de seu aquário e nada feliz. Nada feliz, no fim das contas, mas contentado. Se estivesse na Matrix, ao invés da pílula azul ou da pílula vermelha, exigiria que me oferecessem uma roxa. Entre a entrega de Francisco e a revolução de Marx, hoje sigo pelo caminho do meio de Buda. Namastê, nada mais tenho a dizer. Por enquanto...

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.